

Introdução

Depois de uma vitória da seleção brasileira de futebol em meados de 2009, ouvi a seguinte frase de um comentarista sobre a atuação do habilidoso atacante Robinho: “jogador de futebol no Brasil é igual erva daninha, nasce em qualquer lugar!”. Consagrada pelo senso comum nacional, tal ideia não chegava, no entanto, a ser nova. Em sua ambiguidade, na qual a praga é também a benesse – ou o veneno é o remédio, como sugere Wisnik ¹ – ela projetava uma imagem sobre o futebol brasileiro e o suposto talento inato de seus jogadores forjada muitas décadas antes. A própria frase utilizada pelo comentarista para reforçar esta ideia repetia, de modo consciente ou não, algo que ao longo da década de 1950 se tornara um verdadeiro bordão pessoal de um jornalista então muito reconhecido, mas hoje pouco lembrado: Thomaz Mazzoni, um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros das décadas de 1930 e 1940.

Mas quem foi Thomaz Mazzoni? Terceiro filho do casal Francisco e Isabella Mazzone, nasceu em 11 de Março de 1900 em Polignano a Mare, província de Bari, na Itália. Como muitos italianos do período, em 10 de Julho de 1909 a família Mazzone desembarcava no Brasil em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Mas ao contrário da grande maioria, os Mazzone não eram camponeses pobres que se direcionaram ao país para trabalhar no campo. Segundo depoimento de João Clouzet Mazzoni, sobrinho de Thomaz Mazzoni, a família tinha condições financeiras estáveis. Até mesmo por isso, foram diretamente para a cidade de São Paulo, onde se instalaram na Rua do Gasômetro e montaram um “comércio de cereais” no bairro do Braz. ² Após os primeiros oito meses no país, Thommaso Mazzone, como fora batizado, ingressou no tradicional Colégio São Bento, localizado no centro da cidade de São Paulo e próximo à região onde moravam. Por estudar em um colégio de elite, o jovem teve contato com alguns meninos que faziam parte das famílias mais ricas da capital paulistana. Por outro lado, sua própria origem, reforçada pelo fato de morar em um bairro tomado em sua maioria por italianos,

¹ WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2008.

² Depoimento de João Clouzet Mazzoni, entrevista concedida em 10 de Julho de 2012, São Paulo.

também o fizeram ter contatos com outra parcela social da crescente metrópole. Assim, ao longo de sua formação pessoal participou das redes de solidariedade próprias aos italianos na cidade de São Paulo.

Segundo depoimento de seu sobrinho, na adolescência Thomaz Mazzoni fundou com alguns irmãos e amigos o time Polignare a Mare FC ³. Neste fato podemos observar que em seus primeiros anos no Brasil, teria Mazzoni ainda uma identidade fortemente atrelada ao seu local de nascimento. Não estando sozinho, compartilhava com amigos, possivelmente oriundos da mesma região, e parentes, uma forma de se identificar que o singularizava no contexto paulistano. Aos poucos, porém, a devoção ao jogo o teria feito se juntar a outros times de perfil mais aberto, como o “Eduardo Prado” e o “São Cristóvão”. ⁴ Por mais que a força dessa lembrança desnude uma clara tentativa de ordenar a trajetória do jornalista, marcando na infância os traços que viriam a singularizá-lo na vida adulta ⁵ – como o interesse pelo esporte –, não era de fato incomum que jovens imigrantes tivessem no futebol um de seus elementos primeiros de sociabilidade.

Longe de ser um caso isolado, o exemplo de Mazzoni foi muito comum nas primeiras duas décadas do século passado em São Paulo. Não seriam somente os imigrantes que tinham no futebol um espaço de sociabilidade importante, muitos jovens, especialmente, se lançaram a prática do jogo em meio ao crescimento da metrópole paulistana. Na cidade de São Paulo, a difusão e proporção da prática do futebol em relação aos outros esportes foi ainda maior do que na capital federal, constituindo-se em 1904 em torno deste esporte cerca de 72 das 118 associações esportivas existentes. ⁶ Ao fazer do futebol seu meio de estabelecimento de laços de solidariedade com outros jovens, Mazzoni participava assim de um processo mais amplo que tomava toda a cidade. No *Almanaque Esportivo 1928*, de autoria do próprio Thomaz Mazzoni, mesmo duas décadas depois, a proeminência do futebol permanece ocupando cerca de 50% dos clubes afiliados a Associação

³ Idem.

⁴ Depoimento de João Clouzet Mazzoni, entrevista concedida em 10 de Julho de 2012, São Paulo.

⁵ Bourdier, Pierre. “A ilusão bibliográfica” In *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2002.

⁶ *A Vida Esportiva*, n. 19, 21 de Abril de 1904. Apud. NEGREIROS, Plínio J. L. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910 – 1916*. Dissertação de Mestrado em História, PUC – SP, 1992. P. 37.

Paulista de Esportes Atléticos, além de contar com a maior liga de esportes amadores da cidade.⁷

Ao contrário de outros jovens como ele, no entanto, Thomaz Mazzoni acabou por fazer deste gosto pelo esporte seu meio de vida. Aos 20 anos, após trabalhar de jornaleiro nas redondezas de sua casa, debutou no jornalismo esportivo nas páginas do outrora popular semanário *S. Paulo Sportivo*, não se sabendo de forma precisa como chegou até esta folha. Daí por diante, passaria por diversas publicações durante a década de 1920, até chegar em 1928 à redação da *Gazeta Esportiva* – periódico do qual em pouco tempo seria diretor de redação, e onde consolidaria uma bem sucedida carreira jornalística até o fim de sua vida, em 1970.

Ao longo de sua trajetória, publicou e editou mais de 20 livros sobre o universo dos esportes – o que abrangia tanto estudos e reportagens sobre as mais variadas modalidades esportivas (como o futebol, o ciclismo ou o hockey) quanto livros que chamou de doutrinários, que carregavam forte teor normativo e regulador sobre a prática do esporte no Brasil. Ao mesmo tempo em que se inseria nos debates políticos em torno do futebol, também construía análises sobre jogos, equipes e jogadores, tratando mais diretamente da paixão futebolística. Boa parte desta produção foi originalmente publicada na coluna intitulada “Olimpicus”,⁸ espaço que ocupou quase que diariamente ao longo dos 42 anos de trabalho na *Gazeta*. Através deste espaço, estabeleceu um contato direto com o leitor da folha por meio de escrita de tom informal e direto, sem grandes floreios bacharelescos e literários. Deste modo, alcançou um grande público leitor, tornando-se por isso uma figura influente no meio esportivo do período.

Apesar do sucesso desfrutado ao longo de sua carreira, no entanto, a figura de Mazzoni acabou por ser deixada de lado com o passar das décadas, obscurecida por outra legenda do jornalismo esportivo nacional à qual se costuma atribuir toda

⁷ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1928*. S/E: São Paulo, 1928, P. 271 – 273.

⁸ “Olimpicus” era, segundo a memória dos parentes, o apelido do próprio jornalista. Segundo Antônio Mazzone, seu filho, era o fruto de seu profundo e largo conhecimento a respeito de resultados e acontecimentos esportivos que o pai já mostrava ter em meados de 1920. Tal conhecimento rendeu a Thomaz Mazzoni um grande sucesso décadas depois, no programa “O Céu é o Limite”, que testava os conhecimentos de seus convidados sobre temas determinados. Ao tratar do esporte, Thomaz Mazzoni faturou a mais alta premiação. Cf. RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007. P. 215.

a primazia de criação desse campo: o jornalista Mário Filho. Pernambucano de nascimento, mas radicado no Rio de Janeiro, ele consolidou na capital federal uma carreira jornalística de sucesso, cujo ápice se daria no trabalho como diretor de redação d' *O Globo* e como proprietário do *Jornal dos Sports*. Por conta de tal atuação, sua obra tem sido vastamente pesquisada pelos meios acadêmicos – que acabaram por toma-lo como uma das referências principais das pesquisas realizadas na área o livro *O negro no futebol brasileiro*, publicado por Mario Filho em 1947.⁹ Originado de uma série de matérias publicadas a partir de 1942 na coluna “Primeira Fila”, d' *O Globo*, o livro se propõe a recontar a história do futebol brasileiro não só através de suas lembranças pessoais, mas também a partir de entrevistas com antigos jogadores – cuja referência não chega a ser assinalada com maior precisão.¹⁰ Por esse motivo, quando ganharam forma os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a história do futebol no Brasil, seu livro tornou-se uma referência obrigatória. Junto à tentativa de utilização de suas referências, no entanto, muitos desses trabalhos acabaram por incorporar a perspectiva defendida no livro – que tenta mostrar um processo de progressiva superação do racismo e da exclusão social no futebol brasileiro, que teria seu fim justamente na década de 1930, como a base de afirmação de uma forma brasileira de jogar futebol, com fortes traços dessa presença de negros e mulatos. Como resultado, definiu-se uma história de progressiva nacionalização do futebol brasileiro, que se afirma em sua força singular no momento em que a própria nação redefiniria sua identidade.

Por mais que tal matriz já tenha sofrido as mais diversas críticas,¹¹ um de seus resultados mais visíveis e menos contestados é a suposição da centralidade da

⁹ CALDAS, Waldenir. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo, Ed. Ibrasa, 1990; LOPES, José S. Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada” In *Revista da USP*, Dossiê Futebol, São Paulo, N.22, 1994; MURAD, Maurício. “Corpo, magia e alienação – *O negro no futebol brasileiro*: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social.” In *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, Uerj. 1994; GORDON, Cesar C. Jr. “História social dos negros no futebol brasileiro” In *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro, Uerj. 1995; MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997; SILVA, Marcelino da. *O Brasil moderno de Mário Filho*. Ed. UFMG: Belo Horizonte. 2006.

¹⁰ HOLLANDA, Bernardo B. B. “Futebol, uma querela modernista” IN *Descobrimientos do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva* em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional: 2004. P. 38.

¹¹ Trabalhos como os de Leonardo Pereira, Bernardo Buarque de Hollanda, Antônio Jorge Soares, entre outros, tentam relativizar a centralidade de um personagem central neste processo em prol do debate em torno de outras trajetórias em torno da história do futebol no Brasil. Ver. PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004, P. 144 –

figura de Mário Filho na consolidação do futebol no Brasil. Mesmo estes trabalhos que tentam relativizar esta posição e apontam para o caráter parcial de destaque do jornalista pernambucano, acabam pouco atentos ao fato que ele não era o único cronista esportivo que tentava promover o diálogo com vasto grupo de leitores. Ainda que sob uma lógica e formas de diálogo diversas, outros profissionais da comunicação esportiva realizaram esta ação.

Dentre eles destacava-se, na imprensa paulistana, a figura de Thomaz Mazzoni. Poucos são os trabalhos acadêmicos que se dedicaram a analisar o papel deste jornalista no processo de consolidação do futebol em terras brasileiras, sendo que mesmo estes não têm em Mazzoni seu objeto central de análise.¹² Pelo contrário, ele aparece de maneira muitas vezes tópica, como referência citada a partir de alguma de suas obras, sem que se desenvolvam maiores reflexões sobre seu papel na configuração do campo esportivo paulistano.

Dada a posição de destaque alcançada pelo jornalista em meio à imprensa esportiva de São Paulo, cabe assim encarar sua produção como um testemunho do processo de consolidação das formas e sentidos assumidos pelo futebol em São Paulo e no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX. Frente aos desafios colocados pelo debate historiográfico sobre o futebol no Brasil, acompanhar a trajetória de Mazzoni é assim um meio de entender o processo de constituição de identidades ao redor do jogo nas décadas de 1920, 1930 e 1940 a partir da perspectiva de um dos mais destacados sujeitos desse processo. Mais do que fugir da memória unívoca projetada por Mário Filho sobre a história do futebol no Brasil, é possível assim buscar, através dos testemunhos de Mazzoni, outros projetos e lógicas que se apresentavam em contraste e confronto com essas narrativas vitoriosas. Cabe, portanto, atentarmos para a multiplicidade de ideias, projetos e opiniões que foram deixadas de lado no processo de constituição de

145; SOARES, Antônio Jorge. *Futebol raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado em 1998, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

¹² Alguns desses autores trabalharam apenas com algumas das obras de Thomaz Mazzoni, entre todos os seus livros, *Problemas e aspectos do nosso futebol* possivelmente é o trabalho mais estudado. TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol*. São Paulo, Ed. FAPESP, 2002; FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938)*. Rio de Janeiro, Ed. DP&A, 2003; NEGREIROS, Plínio. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. Tese de Doutorado defendida em 1998 no Departamento de História da PUC – SP. São Paulo; PARDINI, Milena. *A narrativa da ordem e da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo, USP, 2009.

uma história única para o futebol brasileiro e para a nação por ele representada, de modo a entendermos melhor a intrincada arena de disputas da qual emergiu a força do esporte no Brasil.

Deste modo, mais do que ajudar a relativizar o papel e a centralidade atribuída a Mário Filho no processo de constituição de um modelo efetivamente brasileiro de futebol, a análise da trajetória de Mazzoni na imprensa esportiva pode nos ajudar a entender a força e penetração social de projetos de nação que, se não foram vencedores, tinham então força suficiente para fazer dele um dos mais destacados escritores do período. Com um prestígio amparado em sua vasta popularidade, ele evidenciava em sua trajetória como se enraizavam socialmente certas ideias e projetos habitualmente analisados somente pela perspectiva de uma história das ideias ou de uma história intelectual *stricto sensu*. Em caminho contrário, a produção de Mazzoni nos permite entender tais projetos a partir da força do processo de comunicação entre diferentes setores da sociedade, viabilizada por um fenômeno como o futebol. Neste sentido, investigar a trajetória deste jornalista nos leva a pensar tanto sobre as estratégias usadas por ele para formar seu público leitor como os limites desta prática, entendendo o papel da imprensa (esportiva) como uma arena social de conflitos.¹³

Por esta razão, é fundamental enfrentar o conceito de “opinião pública”. Ao investigar a natureza da representação de certos libelos e panfletos políticos na França pré-revolucionária, Robert Darnton nota que tais impressos nos davam a ver um campo de discussão que é, para o autor, a expressão dessa “opinião pública” do período. Neste sentido, a circulação de símbolos não tinha por resultado a criação de uma cultura homogênea, já que seus significados são para ele frutos de uma operação interpretativa na qual os sujeitos têm papel ativo.¹⁴ Por mais distantes que seja a realidade analisada por Darnton daquela vivida por Mazzoni, suas análises nos permitem assim pensar na ambiência de diálogos e embates públicos travados pela grande imprensa da República a respeito do futebol. – de modo a que possamos compreender a dinâmica estabelecida entre os escritos de Thomaz Mazzoni e seu público leitor.

¹³ Para entender melhor o conceito de cultura como uma “arena de conflitos” Cf. THOMPSON, Edward. *Costumes em comum*. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 1998.

¹⁴ DARNTON, Robert. “Opinião pública” In *Os best-sellers proibidos da França revolucionária*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1998.

Para que possamos melhor compreender tal dinâmica, cabe ainda refletirmos com mais cuidado sobre o papel da própria imprensa em sociedades tão massificadas e complexas como as grandes cidades brasileiras dos primeiros anos do século XX. Como mostrou Leonardo Pereira, o processo de troca e diálogo cultural entre diferentes grupos sociais se acentuou em capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo a partir do final do século XIX, quando novos modelos de comunicação viriam a dinamizar a possibilidade de circulação de ideias, costumes e práticas. Este processo se ligava, entre outras coisas, ao fortalecimento de um novo modelo de jornalismo, constituído com objetivos claramente comerciais. Deixando de lado o discurso mais abertamente político dos periódicos de décadas anteriores, surgia um novo tipo de periódico mais atento aos interesses dos possíveis leitores. Além da adoção de uma política de diminuição dos preços dos jornais, estas folhas passaram a publicar assim assuntos tidos como populares, como o carnaval, os crimes de sensação e o próprio futebol.¹⁵

A *Gazeta* seria um bom exemplo desse novo tipo de jornal. Fundada em 1906 por Adolfo Araújo, o vespertino passou por diversas crises financeiras até ser comprado em 1918 por Casper Líbero. Com grande senso de oportunidade, o empresário passou a associar a folha a grandes eventos esportivos, um dos meios através dos quais sua direção tentava atrair a atenção do público. Também modernizou o jornal, importando rotativas da Alemanha, substituindo o telégrafo pelo teletipo e implantando novas técnicas de gravura e impressão gráfica (a primeira a cores no Brasil). Configurava-se, com isso, a proposta do jornal, expressa em sua frase de abertura: “A *Gazeta* é um órgão popular por natureza” – lema que se chocava propositalmente com o perfil d’ *O Estado de São Paulo*, seu maior concorrente, que possuía um caráter mais elitista.¹⁶ Seria no intenso diálogo com a opinião pública e os interesses editoriais desta folha que o caderno esportivo d’ *A Gazeta* e, em especial, seu editor e redator chefe, Thomaz Mazzoni, buscariam reconhecimento e sucesso entre as décadas de 1920 e 1940.

¹⁵ PEREIRA, Leonardo. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto” In *Projeto História*. Nº 14. São Paulo, Ed. PUC – SP, 1997. P. 232.

¹⁶ Cf. SILVA, Rafael. “Reinvenção do jornalismo esportivo” In *O esporte a serviço da pátria: Thomaz Mazzoni e os primórdios do jornalismo esportivo (1928 – 1941)*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de História da PUC – Rio. Rio de Janeiro, 2010. P. 18.

Nem por isso, no entanto, Mazzoni deixaria de tentar, com suas colunas, formar seu público. Como um indivíduo “dotado de consciência que se determina na prática política”¹⁷, o jornalista era sujeito ativo de seu tempo, que interpretava e analisava no diálogo e interlocução com as experiências e ideias de seus contemporâneos. Sem ver em suas crenças a simples cooptação do Estado ou dos interesses empresariais da folha em que trabalhava,¹⁸ cabe assim tentar captar o movimento das ideias do personagem que trato a partir da interlocução que elas estabelecem com seu tempo. Era assim buscando reconhecimento e sucesso na folha em que trabalhava, mas sem abrir mão de defender suas próprias concepções políticas, que devemos compreender os escritos do jornalista, buscando assim o modo pelo qual ele ajuda a dar forma a seu tempo.

Dessa forma, dividi minha dissertação em quatro capítulos que, apesar de acompanhar uma narrativa cronológica que data desde meados da década de 1920 até o início da década de 1940, possuem objetos e debates específicos.

No primeiro capítulo analiso o início da trajetória profissional de Thomaz Mazzoni. Mais especificamente, o trabalho dos jornais *S. Paulo Sportivo*, *São Paulo Jornal* e *Diário Nacional*, publicações onde o jornalista trabalhou em diferentes momentos na década de 1920 até 1928. Neste primeiro momento, o objetivo da discussão se baseia em compreender a natureza e a forma de produzir o jornalismo esportivo no período, jornalismo este que diante da popularização do esporte e, especificamente, do futebol, se construía com coberturas diferentes das antigas publicações, muito mais atentas aos interesses de seu público leitor.

Thomaz Mazzoni após os primeiros oito anos de carreira através de relativo sucesso foi contratado em 1928 por um jornal de maior circulação na capital paulista, *A Gazeta*. Seria neste jornal que produziria uma forma de produção jornalística que o caracterizaria ao longo de toda a sua carreira, e o segundo capítulo da dissertação se foca nesta produção jornalística. Através do trabalho de

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920 –1945*. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1988. P. 12.

¹⁸ Para Pardini, tanto Thomaz Mazzoni quanto Mário Filho usavam sua posição de destaque e capacidade de alcance popular para produzir no meio futebolístico uma espécie de ordem e perpetuação das ideologias estadonovistas. De forma reducionista a autora acaba por naturalizar a atuação dos jornalistas e a cooptação do Estado no período. PARDINI, Milena. *A narrativa da ordem e da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937 – 1945)*. Dissertação de Mestrado defendida em 2009 no Departamento de História da UPS. São Paulo.

redator e editor chefe, Thomaz Mazzoni se transformou em importante formador de opinião dialogando com os diferentes agentes sociais e debates que cercavam o campo esportivo na década de 1930. Sendo um dos mais populares jornalistas de São Paulo, construía uma identidade e uma forma de produzir o jornalismo característica levando ao final do capítulo o debate historiográfico sobre essas duas temáticas na comparação com o discurso de Mário Filho.

No terceiro capítulo o objeto de análise se centra em dois livros do autor, *O Brasil na Taça do Mundo* e *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Ambos produzidos nos primeiros anos do Estado Novo, as obras dialogavam fortemente com debates e questões de seu período. Com um discurso nacionalista e ufanista em relação ao desempenho do selecionado de futebol brasileiro na Copa de 1938, Thomaz Mazzoni tentava construir uma identidade para o futebol atrelada a questão da ordem e da disciplina. Conceitos que permeavam suas opiniões tanto sobre o estilo de jogo como da organização esportiva nacional, se mostrando totalmente a favor da intervenção do Estado no âmbito esportivo com objetivo de ordená-lo.

Por fim, no quarto e último capítulo o debate se desenvolve sobre o entendimento de Thomaz Mazzoni acerca da importância do esporte para o Brasil. O jornalista se mostrava ferrenho defensor do esporte e da educação física ao longo de toda a sua carreira, teriam estas funções de primeira importância para o desenvolvimento físico e psicológico do homem brasileiro. Se aproximando de opiniões de autores do período que relacionavam o esporte com a própria educação do povo brasileiro, o cronista não deixaria de formular de forma específica em *O esporte a serviço da pátria* a sua compreensão sobre a temática esportiva e sua função social.